



## HISTÓRICO DO PLANEJAMENTO FÍSICO DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO

ALBERTO ALVES DE FARIAS, CLÁUDIO OLIVEIRA ARANTES,  
FREDERICO FLÓSCULO B. BARRETO

### RESUMO

O planejamento e a ocupação do Campus da UnB apresenta uma história intimamente ligada à própria evolução urbana de Brasília, o que inclui uma especial interpretação de seu papel dentro das escalas conceituais adotadas por Lúcio Costa, o projetista da cidade – sobretudo com referência à escala *gregária* definida por Lúcio Costa. Apresentamos aqui, esquematicamente o plano original e alguns dos planos subseqüentes para o Campus, numa tentativa de resgate de suas idéias e tendências, o que deve ser contraposto à proposta em curso de seu Plano Diretor Físico. Essa apresentação também nos introduz numa (algo) instigante e reveladora visão retrospectiva de aspectos da história política e institucional da própria Universidade de Brasília, que neste ano completa 40 anos de existência.

### ABSTRACT

The development of the University of Brasília's Campus has a history that retraces some amazing features of the urban evolution of the modernist city, including some of its conceptual *scales* – specially the *gregarious* one, as once defined by the urbanist Lúcio Costa. The original plan for our university Campus development, as well those following plans, are studied here in a succession which tries to decipher trends and ideas from them all, in order to prepare a master plan for the present needs. The Campus physical sketches also serendipitously reveal some of the momentous political and institutional situations carried off (some just carried over) by the University of Brasilia along its forty years of existence.

Em 1960, o plano de urbanização elaborado para o Campus da UnB por Lúcio Costa desdobrava-se do seu Plano Piloto para Brasília. Nessa proposta inicial de Lúcio Costa havia a disposição da frente do Campus e seu acesso principal pela via L4 (mais próxima ao Lago Paranoá), a partir da Praça Maior; os Institutos e Faculdades localizados em área intermediária, e os Serviços Gerais com acesso pela via L3; a área de

esportes e residência no extremo norte do Campus, ao longo da via L3; o Campus é estruturado em parcelas, como quadras internas. As morfologias insinuadas constituíam edificações dispersas em subsetores organizados por áreas universitárias. Era evidente a importância dada a ocupação da área central da grande gleba, pelo conjunto de quadras universitárias, ao longo de eixos que definiam a Praça Maior (fig. 1).

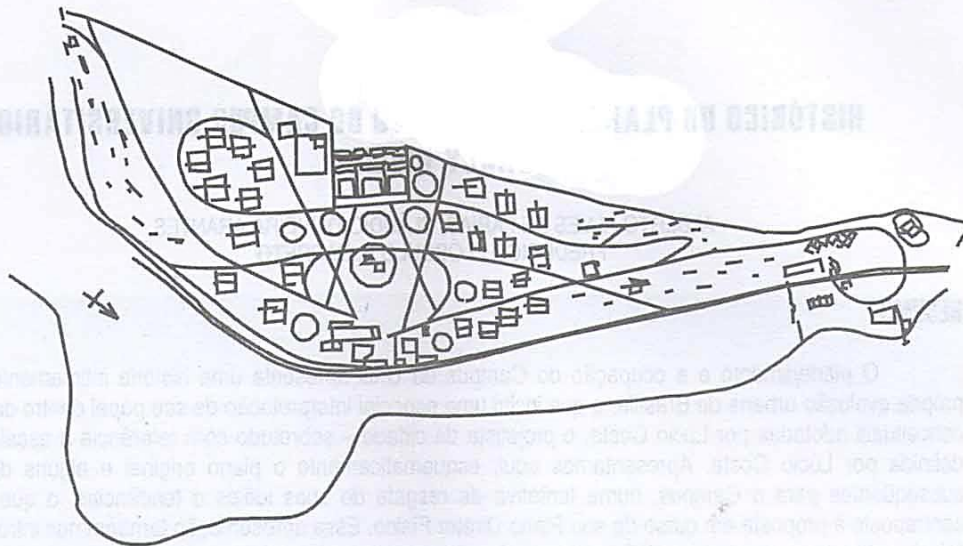


Figura – 01

A referência que Lúcio Costa faz, no Relatório do Plano Piloto, à Cidade Universitária, é singela, e colocada no mesmo parágrafo em que descreve a Esplanada dos Ministérios:

(...)

"9. Veja-se agora como nesse arcabouço de circulação ordenada se integram e articulam os vários setores. Destacam-se no conjunto os edifícios destinados aos poderes fundamentais que, sendo em número de três e autônomos, encontraram no triângulo equilátero, vinculado à arquitetura da mais remota antigüidade, forma elementar apropriada para contá-los. Criou-se então um terrapleno triangular, com arrimo de pedra à vista, sobrelevado na campina circunvizinha a que se tem acesso pela própria

rampa da auto-estrada que conduz à residência e ao aeroporto. Em cada ângulo dessa praça - Praça dos Três Poderes -, localizou-se uma das casas, ficando as do Governo e do Supremo Tribunal na base e a do Congresso no vértice, com frente igualmente para uma ampla esplanada disposta num segundo terrapleno, de forma retangular e nível mais alto, de acordo com a topografia local, igualmente arrimado de pedras em todo o seu perímetro. A aplicação em termos atuais, dessa técnica oriental milenar dos terraplenos, garante a coesão do conjunto e lhe confere uma ênfase monumental imprevista. Ao longo dessa esplanada - o Mall dos ingleses-, extenso gramado destinado a pedestres, a paradas e a desfiles, foram dispostos os ministérios e autarquias. Os das Relações



*Exteriores e Justiça ocupando os cantos inferiores, contíguos ao edifício do Congresso e com enquadramento condigno; os ministérios militares constituindo uma praça autônoma e os demais ordenados em seqüência - todos com área privativa de estacionamento, sendo o último o da Educação, a fim de ficar vizinho do setor cultural, tratado á maneira de parque para melhor ambientação dos museus, da biblioteca, do planetário, das academias dos institutos, etc., setor este também contíguo à ampla área destinada à Cidade Universitária com o respectivo Hospital de Clínicas, e onde também se prevê a instalação do Observatório. A Catedral ficou igualmente localizada nessa esplanada, mas numa praça autônoma disposta lateralmente, não só por questão de protocolo, uma vez que a Igreja é separada do Estado, como por uma questão de escala, tendo se em vista valorizar o monumento, e ainda, principalmente, por outra razão de ordem arquitetônica a perspectiva de conjunto da esplanada deve prosseguir desimpedida a partir da plataforma onde os dois eixos urbanísticos se cruzam”.*

A setorização dos espaços que evocariam a Educação e a Cultura, num complexo de

edifícios e ambientes de estudos localizado na face norte da Esplanada dos Ministérios, e estendendo-se ao longo da Asa Norte, entre as faixas de quadras residenciais e o Lago Paranoá, foi, em parte, definida nos desenvolvimentos posteriores do projeto executivo de urbanismo do Plano Piloto de Brasília.

Em 1962-64, o arquiteto Oscar Niemeyer dirige o CEPLAN - Centro de Planejamento, da Universidade de Brasília, desenvolvendo os projetos do Instituto Central de Ciências (ICC), os edifícios de apoio, denominados Serviços Gerais – SG - e a Praça Maior da Universidade, onde ficariam a Reitoria, a Biblioteca, o grande auditório das aulas magnas, entre outras facilidades. Ocorria a aglutinação de Institutos e Faculdades num edifício, o Instituto Central de Ciências. Também fora mantida a idéia de acesso principal a partir da via L4 (acesso privilegiado à frente do Lago Paranoá), deslocando-se a área de esportes para o Setor de Clubes. A figura 2 mostra os primeiros riscos da adequação, por Niemeyer, em 1962, da proposta inicial de Lúcio Costa para o Campus.

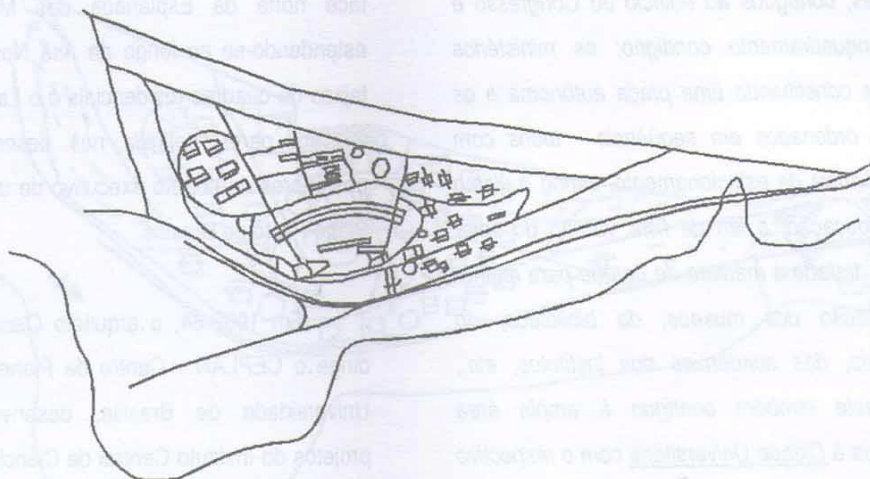


Figura - 02

O projeto físico e a localização dos edifícios, tal como proposto e executado à época, criaram um núcleo de ocupação em meio à grande gleba concedida para a sua fundação. O padrão de distribuição dos demais edifícios assemelhava-se à proposta de Lúcio Costa: isolados, num mosaico para o setor urbano em que o sistema viário seria o principal delimitador dos espaços, na escala geral da nova cidade universitária.

Os principais edifícios então projetados e construídos, caracterizaram-se pelo experimento

da pré-fabricação em concreto protendido - obras arrojadas e, ao mesmo tempo, singelas no que concerne ao uso de materiais e instalações técnicas.

Em croqui posterior (ano de 1963), Niemeyer e sua equipe (Alcides da Rocha Miranda e João Filgueiras Lima, o *Lelé*, entre outros nomes), reestudam a volumetria das diversas áreas do Campus, sempre tomando o ICC como o edifício que deveria reger as possíveis composições do plano de ocupação da cidade universitária (fig. 3).

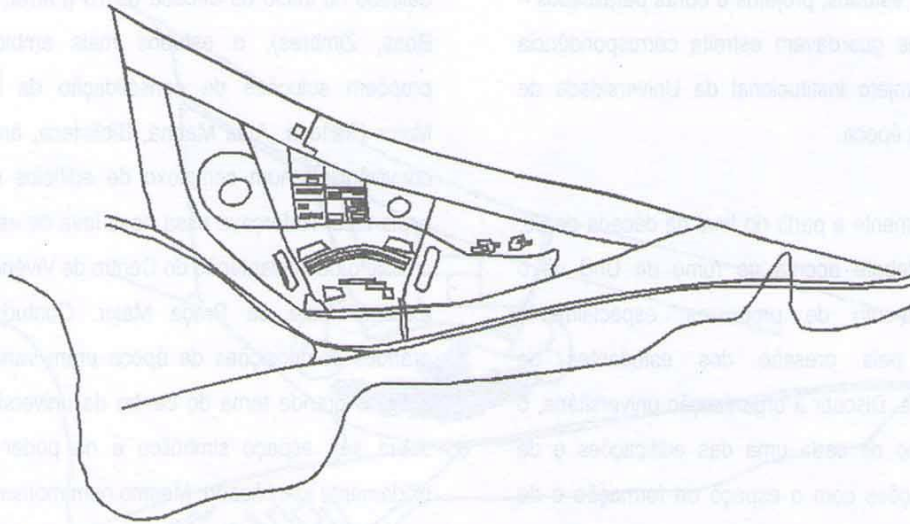


Figura - 03

Imagina um ICC com seu plano de simetria reforçado por volumes edificados que se implantariam além de suas extremidades, e que emoldurariam a área da Praça Maior, a essa altura já lançada em seus elementos principais. O conjunto de edifícios auxiliares dos Serviços Gerais já estava também lançado – e em execução, embora não se cogitasse sua futura importância como espaço ocupado majoritariamente por atividades acadêmicas.

O conjunto de habitações da Colina, em construção, seria afastado desse núcleo principal, não havendo indicação no sentido de uma ocupação plena, futura, da área total do Campus, além desse agrupamento central, que gravitava em torno do ICC. Ainda não existia o Hospital

Universitário (construído somente em 1974, como hospital previdenciário, utilizando-se, antes disso, o Hospital Regional de Sobradinho para as práticas de ensino), embora desde então estivesse registrado no croqui, o CIEM, escola experimental construída no mesmo sistema adotado para os Serviços Gerais da Universidade de Brasília. Essa escola experimental depois viria a ser ocupada como o Ambulatório do Hospital Universitário (HUB).

A universidade era um grande canteiro de obras e idéias, lugar de experimentos educacionais e administrativos, arquitetônicos e tecnológicos. Não eram pequenos a ousadia e o otimismo daqueles momentos. Contudo, depois de 1964, as idéias de Oscar Niemeyer e de



Alcides da Rocha Miranda para o Campus foram sustadas; estudos, projetos e obras paralisados – ações que guardavam estreita correspondência com o projeto institucional da Universidade de Brasília, à época.

Somente a partir do final da década de 60, intenso debate acerca do rumo da UnB vê o reaparecimento de propostas, especialmente trazidas pela pressão dos estudantes de arquitetura. Discutir a organização universitária, o simbolismo de cada uma das edificações e de suas relações com o espaço de formação e de ensino superior, significava uma atitude combativa, de luta pela liberdade política.

Nas propostas de 1969-70, elaboradas por equipe do CEPLAN (Galbinski, Zimbres, Castro e Macedo), surgem imagens que retomam o imaginário de Niemeyer, centrado no tema da Praça Maior, dominado pela longa e curva barra do ICC. A intensa seminarização então corrente cria ora setores “ilhados” (proposta dos estudantes, de 1969, fig. 4 ) ora cria formas desconstruídas, contrapondo-se ao ICC (proposta dos estudantes, de 1969, fig. 5).

O Centro Olímpico é estudado, vindo a ser definido no início da década de 70 (Farret, Villas Boas, Zimbres), e estudos mais ambiciosos propõem soluções de consolidação da Praça Maior (Reitoria, Aula Magna, Biblioteca, área de convivência), num complexo de edifícios nessa esplanada. Reforçava essa nova leva de estudos o projeto de implantação do Centro de Vivência no extremo leste da Praça Maior. Contudo, as grandes composições da época eram variações sobre o grande tema do centro da universidade, sobre seu espaço simbólico e de poder mais nitidamente identificado. Mesmo num momento de inegável criatividade e resistência - e de vivo debate sobre o espaço universitário -, não transparecia uma discussão mais ampla sobre a instituição e sua proposta acadêmica: eram de difícil superação as barreiras entre planejamento institucional e planejamento físico, entre administração e comunidade naquela Universidade de Brasília, sob intervenção do governo militar.

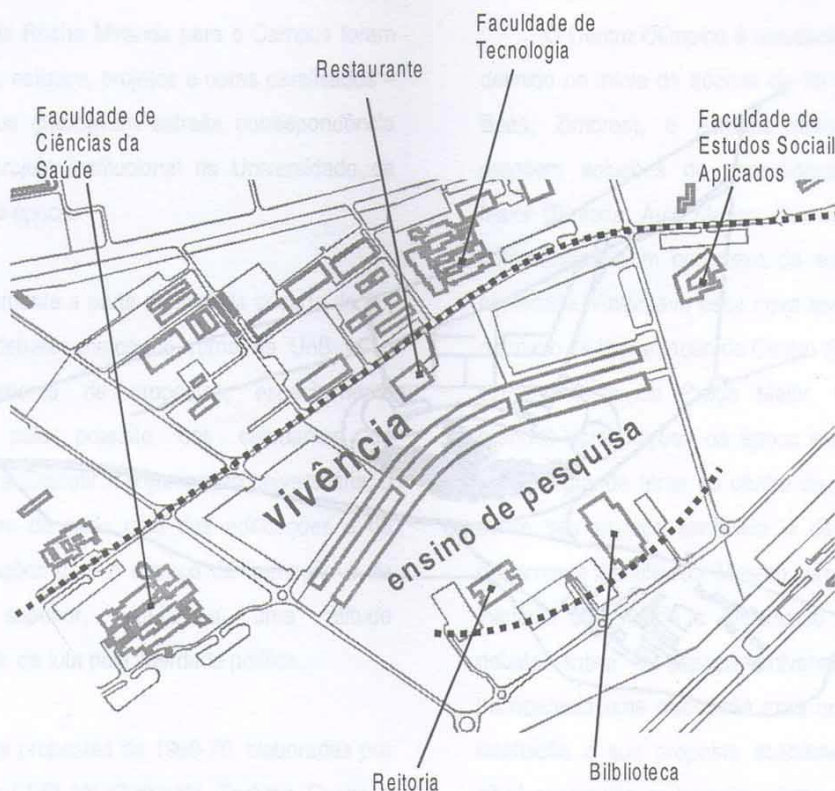


Figura - 05

A construção da Faculdade de Tecnologia, da Faculdade de Ciências da Saúde (professores arquitetos Adilson Macedo e Érico Wiedle e equipe) e da Faculdade de Estudos Sociais Aplicados (professores arquitetos Matheus Gorovitz e Mauricio Azeredo), ocorrida a partir de planos elaborados em 1974, desloca o eixo de intervenções para a via intermediária transversal norte-sul, acima do ICC.

Em 1985, encerra-se o período de 21 anos de regime militar. Na Universidade de Brasília, é eleito reitor pela comunidade universitária o

professor Cristovam Buarque, iniciando-se a retomada de projetos para a instituição.

Em 1986, após um período de doze anos sem investimentos significativos e sem o prosseguimento do planejamento do Campus, é criada a Prefeitura do Campus, com funções de planejamento e manutenção, tendo a sua frente o professor arquiteto Erico Weidle. Em 1987-88 foi desenvolvido trabalho intitulado "Idéia de Desenvolvimento Físico Espacial do Campus da UnB", pelo professor arquiteto Gunter Kohlsdorf – então à frente da Prefeitura do Campus, visando atualizar e concretizar uma série de tendências



detectadas nos planos anteriores e em análise da própria realidade urbana do Plano Piloto, que passava a ser objeto de tombamento como Patrimônio da Humanidade, pela UNESCO. A esse estudo segue-se o “Planejamento da Extremidade Sul do Campus”, também desse ano (por Zimbres, Faria e outros, 1988). Esse trabalho define um plano viário e elementos de ocupação do Setor Sul do Campus, que viriam a ser confirmados pelos estudos realizados nos anos seguintes.

A Prefeitura passa a ser o órgão responsável por obras, pela manutenção e pela coordenação de projetos no Campus, realizando o conjunto de edifícios de múltiplos usos, o Centro

Internacional de Física da Matéria Condensada (CIFMC), (que, ao lado do módulo inicial do Centro de Vivência inaugurado em 94, ampliaram a ocupação da rua do restaurante) e a expansão de edifícios residenciais na Colina (que, ao lado da sede da Prefeitura, consolidaram a ocupação das áreas do Campus ao longo da via L3). Outros empreendimentos também marcam os primeiros anos de trabalho da Prefeitura em conjunto com o CEPLAN, então vinculado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo-FAU, como as construções de edifícios de habitação multifamiliar nas Superquadras de propriedade da Fundação Universidade de Brasília – FUB (SQN 109, SQN 309 e SQN 310).

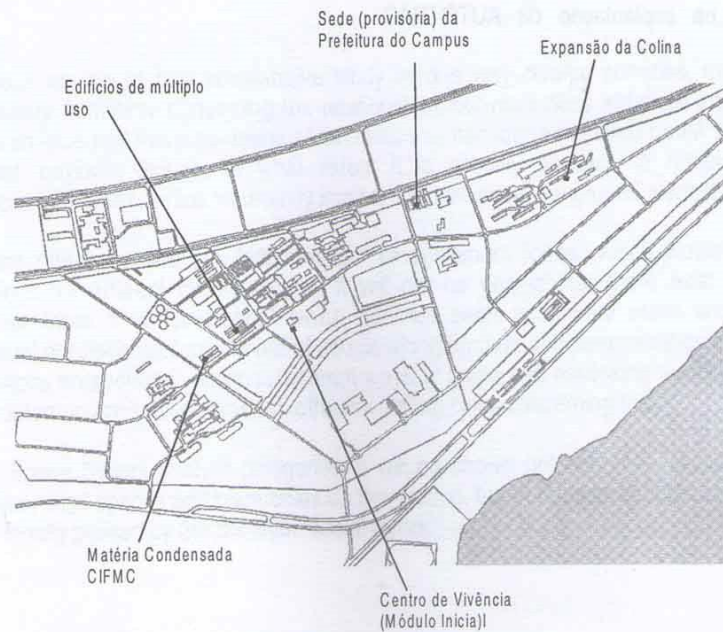


Figura - 06





A partir de 1990, alguns passos adicionais são dados na direção da institucionalização do planejamento, com a criação da Comissão Permanente do Espaço Físico, vinculada ao Conselho de Administração, com representações de diversos órgãos e setores universitários e presidida pela Prefeitura do Campus, sob a direção da professora arquiteta Suely Gonzalez. Em 1995, na gestão do reitor Cláudio Todorov, inicia-se trabalho de elaboração de Plano Diretor Físico e o Campus recebe a denominação de "Campus Universitário Darcy Ribeiro", numa homenagem a seu primeiro reitor. Neste período a Universidade de Brasília considerou várias possibilidades de parcerias com organizações públicas e privadas, com ocupação de áreas físicas disponíveis no Campus – que se concretizaram na implantação da AUTOTRAC

(empresa privada de monitoramento de transporte de cargas por satélite, 1994), da FINATEC (fundação privada de fomento à pesquisa, 1997), e do CEFTRHU (Centro de Formação de Recursos Humanos em Transportes Urbanos, organização pública, 1998). Ao final de 1997, a Comissão do Espaço Físico foi extinta e em 1998 foi constituído um grupo de trabalho para elaborar o Plano Diretor Físico do Campus, que propôs o agenciamento da ocupação de todas as suas áreas físicas e sua gestão planejada. Em 2000 foi aprovada a Resolução número 004/2000 do Conselho Diretor da FUB, atribuindo ao CEPLAN, constituído como órgão da Administração Superior da FUB, a coordenação técnica e administrativa de planejamento físico do Campus.